

1950

292

LUMEN

Caridade Sacerdotal

Deus é o Amor: *Deus Caritas est* ⁽¹⁾, exclama S. João.

Quando resolveu revelar-Se aos homens, Deus — o Amor — enviou ao mundo o Seu Verbo, a Sua Palavra. Jesus Cristo é, pois, o Amor que se fez carne, tornado visível pelos nossos olhos e palpável pelas nossas mãos ⁽²⁾. Numa palavra, Jesus Cristo é a epifania do Amor.

O amor é essencialmente chamamento — palavra — daquele que ama à pessoa que é amada. É a supressão do abismo que separa o *eu* do *tu*, para deste encontro substancial brotar a realidade nova, que é geração do amor: o *nós* — dois num só.

O amor é portanto uma dialéctica: tese, *eu*; antítese, *tu*; síntese, *nós*. E se o mundo procede por dialéctica, essa é a do Amor. Não há outra. Hegel poderia tê-la descoberto em S. João. Não lhe foi dado, porém, descobri-la, mas apenas maqueá-la, para que a dialéctica marxista fosse o azorrague do *Eu* infinito que enviou a Sua Palavra ao mundo e já não obtém dele a necessária resposta. Quando, fustigado e exausto, compreender o homem que o comunismo é desespero, a dialéctica de Marx cederá o passo à dialéctica joanina e então os homens deixarão o comunismo para se realizarem na *comunhão*.

O encontro do *eu* e do *tu*, para não ser catástrofe, reclama primeiramente a identidade de destino. Se os destinos não são desiguais, se o *eu* é maior do que o *tu*, há-de diminuir-se, baixar ao nível do outro. Se o *Eu* é infinito, e o *tu* é limitado, se o *Eu* é o Ser e o *tu* o não-ser, não pode operar-se o encontro sem que o *Eu* se aniquile, para que se possa estabelecer o diálogo.

Deus — o Amor — amou o homem. E, desde que amou, forçoso era assentar que o seu destino — se do destino de Deus se pode falar — seria o nosso trágico destino. A decisão do Amor de abrir o diálogo causou o escândalo na Corte celeste. Muitos anjos revoltaram-se. Mas o «acontecimento» produziu-se, e esse acontecimento é Jesus Cristo. N'Ele e por Ele, uniu Deus o seu «destino» ao nosso. «Aniquilou-Se a si mesmo, tomou a forma de escravo» ⁽³⁾, fez-se em tudo semelhante a nós ⁽⁴⁾, assumiu para si todas as nossas fraquezas e misérias, carregou com to-

(1) Joa. IV, 16.

(2) Cfr. I Joa. I, 1.

(3) Philip. II, 7.

(4) Hebr. II, 17.

dos os nossos pecados, desceu tão baixo como jamais ninguém desceu ⁽⁵⁾ e sujeitou-se à terrível lei da morte no maior de todos os abandonos e na mais dolorosa das abjecções.

Assim, com o seu destino ligado ao nosso, já era possível o encontro do *Eu* e do *tu*. Mas teve Deus de mergulhar tão fundo no abismo de miséria da natureza humana decaída e corrompida, que este encontro, no abismo, causou a agonia e a morte a um Deus!

O Amor, ligando dois destinos num só destino, é doação total. Se o amor é infinito, a doação há-de ser infinita também. Jesus Cristo dá por nós a Vida. E não só a Vida, mas a Sua Carne, o Seu sangue, todo o Seu ser, que é afinal: o Ser. A Eucaristia é Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

E é assim que se estabelece o diálogo entre o Amor infinito e a miséria: come esta a carne e bebe o sangue de Deus, para que se realize a síntese, na consumação da unidade: *consummati in unum*.

Pode então o homem ser a realidade nova — geração do Amor — com o seu destino, por sua vez, ligado ao «destino» de Deus, na Glória: o homem novo conquista a natureza divina ⁽⁶⁾, torna-se semelhante a Deus ⁽⁷⁾ e, como tal, irá sentar-se no mesmo trono de Deus ⁽⁸⁾.

É este o grande mistério do Amor, a *dialéctica* inacreditável, criadora da História e dos mundos, que há-de desabrochar na revelação dos filhos de Deus, num *cosmos* renovado e liberto da escravatura, no hino triunfante da Jerusalém celeste, que não precisará mais de sol nem de lua, porque a claridade de Deus a iluminará e a sua luz será o Cordeiro ele mesmo ⁽⁹⁾.

Porque não responde o homem ao apelo do Amor? Porque não aceita prontamente o *diálogo* com a Palavra do Amor feita homem como nós, precisamente para que a pudéssemos ouvir, compreender e dar-lhe resposta?

É que este *diálogo* criador é feito entre Deus e o homem, quer dizer, entre o Infinito e o limitado, entre a Santidade substancial e o pecador, e, por isso, não poderia ser aberto senão pelo «aniquilamento» de Deus, nem poderia encontrar-se outro ponto de convergência das vozes do *Eu* e do *tu*, senão na Cruz. Mas a Cruz é um madeiro de infâmia e, por si mesmo, não poderá o homem compreender nunca — tal qual os discípulos de Emaús — que, para que fôssemos admitidos a dialogar com Deus, era preciso a Cristo padecer e morrer. O homem espera natural-

(5) Ps. XXI, 7: Já não sou um homem mas um verme; sou o opróbrio dos homens e a abjecção do povo.

(6) II Petr. I, 4.

(7) I Joa. III, 2.

(8) Apoc. III, 21.

(9) Cfr. capít. XXI e XXII do Apoc.

mente o ponto de convergência no milagre e no triunfo, como lhe parece convir a Deus, e não compreende que o pecado fez desviar esse ponto de convergência, por sua causa, para a sangrenta encruzilhada dos quatro braços da Cruz. Só os humildes e os limpos de coração o compreendem.

O homem não responderia nunca mais depois da «derrota» da Cruz, se a Caridade divina não tivesse gerado o Padre, como gerou Jesus Cristo. Nascido do Amor infinito, o Padre é enviado ao mundo por Jesus Cristo — *Como Tu me enviaste ao mundo, assim Eu os enviei ao mundo* ⁽¹⁰⁾ — para que seja entre os homens, até ao fim dos tempos, testemunha do Amor:... *e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, na Samaria e até ao último extremo da terra* ⁽¹¹⁾.

Testemunha oficial do Amor, o Espírito Santo difundiu-lhe no coração a própria Caridade de Deus ⁽¹²⁾, para que desse provas de amor, não apenas com o seu pobre coração humano de acanhadas possibilidades, mas com um coração imenso onde caiba e opere o Amor sem limites.

Por isso Jesus Cristo lhe dá a sua palavra de ordem, isto é, o seu mandamento: *o que Eu vos mando é isto, que vos ameis uns aos outros* ⁽¹³⁾; o quer, como Ele, bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas ⁽¹⁴⁾; como Ele, que exista para que os homens tenham a Vida e a tenham abundantemente ⁽¹⁵⁾.

O Padre, nascido da Caridade de Deus, é o homem da Caridade, a testemunha do Amor. Toda a sua actividade se resumirá em fazer com que os homens acreditem em Jesus Cristo, enviado do Pai ⁽¹⁶⁾, e respondam à Caridade de Deus com o seu amor.

Como poderá, porém, responder o homem convenientemente à Palavra de Deus, se Deus nunca homem algum o viu nem é capaz de ver? ⁽¹⁷⁾

Jesus Cristo realiza o prodígio, forma o Seu Corpo Místico e pelo dom infinito da Sua Carne e do seu Sangue, torna-nos membros do Seu Corpo, faz-nos carne da Sua carne e ossos dos seus ossos ⁽¹⁸⁾, de maneira que vive realmente em nós ⁽¹⁹⁾. Por virtude deste prodigioso mistério, é Ele que chora quando nós choramos, que tem fome em todos os famintos, que anda nu nos esfarrapados e padece nos doentes e prisioneiros ⁽²⁰⁾.

(10) Joa. XVII, 17.

(11) Act. I, 8.

(12) Rom. V, 5.

(13) Joa. XV, 17.

(14) Joa. X, 11.

(15) Joa. X, 10.

(16) Joa. XVII, 21, 23.

(17) I Tim. VI, 16 — I Joa. IV, 12.

(18) Ephes. V, 30.

(19) Gál. II, 20.

(20) Mat. XXVI, 35 a 46.

Deus, não o pode o homem ver, nem verdadeiramente amar, isto é, dar resposta ao Seu apelo, senão por intermédio de Cristo, e de Cristo em nossos irmãos: *quem não ama o seu irmão a quem vê, a Deus, a quem não vê, como poderá amar?* ⁽²¹⁾

A condescendência divina, inclinando-se sobre a nossa fraqueza e pondo-se ao alcance dela, toma como feito a Si mesmo o que aos nossos irmãos fizermos, pondo deste modo ao nosso alcance a resposta que deveremos dar ao apelo do Infinito: *A Caridade de Deus conhecemo-la no facto de Ele ter dado a Sua Vida por nós; pois devemos também nós dar a nossa vida pelos irmãos* ⁽²²⁾.

A dialéctica criadora do Amor aparece-nos assim perfeitamente realizável, pois as nossas forças humanas, vivificadas pelo fogo do Espírito Santo, terão de fazer o encontro com Deus, sim, mas Deus escondido e oculto nos irmãos. O *Diálogo* é, pois, de irmão para irmão, de igual para igual, e, portanto ao alcance da boa vontade de todos. O mundo realizar-se-á, portanto, e o homem atingirá a sua perfeição pela dialéctica do amor fraterno, mandamento do Senhor. Por ela, se operará a unidade de todos os homens entre si, em Cristo e por fim em Deus, que consumará a unidade de todos na Glória da Trindade Santíssima: *«Que sejam um, como Nós somos um: Eu neles, Tu em Mim, para que sejam consumados na unidade* ⁽²³⁾.

Mas este *processus* de evolução do mundo a caminho desses «novos céus e nova terra nas quais habitará a justiça» ⁽²⁴⁾ para felicidade eterna do homem resgatado por Cristo, será a obra do Padre. Ele a realizará pela evangelização do Amor, isto é, pelo testemunho que há-de dar, até aos confins da terra e dos tempos, de Jesus Cristo, epifania do Amor.

O Padre será, portanto, um homem que vive da caridade, que irradia à sua volta a Caridade, que a atea no mundo, pois a graça da ordenação foi precisamente «o espírito de caridade» ⁽²⁵⁾. «Vivendo da caridade, pela graça do seu sacerdócio, o Padre terá sempre em vista suscitar esta virtude nas almas. Testemunha do Amor infinito de Deus pelos homens, tem por única vocação, poderá dizer-se, convencer os homens desta caridade divina e torná-los participantes dela. Sejam quais forem as formas do seu ministério e o fim imediato que prosseguir, o resultado da sua palavra ou da sua acção deve ser um maior amor fraterno entre os cristãos. S. Paulo define-o expressamente: o fim do preceito é a caridade (1 Tim. I, 5) ⁽²⁶⁾.

Nunca, como hoje, a caridade do Padre se tornou tão urgente e necessária.

(21) Joa. IV, 26.

(22) Joa. III, 16.

(23) Joa. XVII, 22, 23.

(24) II Petr. III, 13. Apoc. XXI, 1.

(25) II Tim. I, 7.

(26) C. SPICQ. *Spiritualité sacerdotale d'après Saint Paul* — Paris, ed. du Cerf, 1949, pg. 126.

O mundo perde-se à míngua de amor. E tão sequioso anda ele de quem lhe fale da Caridade, de quem lhe dê testemunho dela, que o apostolado do Amor arrebatava as multidões.

A iniquidade no mundo é hoje abundante. Por causa dela, arrefeceu a caridade de muitos⁽²⁷⁾. E vêmo-la tão arrefecida, que tem servido, mesmo entre católicos, para rotular os próprios bailes! Mas isso não é a caridade.

A Caridade que é precisa hoje há-de ser semelhante àquela dos primeiros cristãos, que se amavam de tal maneira em Jesus Cristo, que espantaram e abalaram o mundo. Semelhante àquela de que nos fala o Papa S. Clemente: «Sabemos que muitos dos nossos se puseram voluntariamente em prisão para resgatarem outros, e que um grande número deles também se venderam como escravos para alimentar outros com o preço desta venda»⁽²⁸⁾.

Como há-de, porém, renascer a Caridade no mundo, se o Padre não der testemunho dela, um vivo testemunho dela?

Não há dúvida: à dialéctica marxista, assassina de Deus e destruidora do homem, nada pode opor-se senão a dialéctica do Amor.

O Padre é uma criação do Amor divino para demonstrar, junto dos homens, esse mesmo Amor, e os convencer a amar. Se não realizar a graça da sua sublime vocação, a Palavra eterna não ecoará sobre a terra, e os homens não lhe darão resposta.

Graças a Deus, os tempos modernos vão sendo fecundos em sublimes testemunhos sacerdotais da Caridade, embora a caridade sacerdotal, por isso mesmo que é encontro do divino e do humano, tenha de realizar-se na dor.

É que o Padre, enquanto enviado da Palavra de Deus, também ele, como Ela, se tem de «aniquilar», descer ao abismo da miséria e dar a vida. O ponto de convergência da voz do *Eu* infinito e do *Tu* pecador é sempre a Cruz. E esse ponto de convergência, depois da Ressurreição de Cristo, está plantado no coração do Padre. E é por isso que o coração do Padre é um coração crucificado, enquanto sobre a terra houver homens a salvar.

Bendita, porém, a imolação do coração sacerdotal. Por ele desce a Caridade de Deus sobre a terra e por ele sobe a resposta da terra até ao seio de Deus.

Se o Padre actual compreender a graça da sua ordenação e a realizar plenamente, a dialéctica do ódio será vencida e o mundo encontrará de novo o caminho da salvação. E o Espírito Santo renovará a face da terra e Jesus Cristo «fará novas todas as coisas» (*Apocalipse*, XXI, 5).

P.^o Abel Varzim

(27) Mat. XXIV, 12.

(28) HENRI CHIRAT — *L'assemblée chrétienne à l'âge apostolique*, Paris, Du Cerf, 1949, pág. 20, nota 7.